

A SOCIOLINGUÍSTICA E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS: BREVES REFLEXÕES

O docente entrevistador **César Costa Vitorino** é Doutor em Letras, Professor Doutor II da Fundação Visconde de Cairu (FVC), Professor do quadro Permanente do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) / Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS) / UNEB e Membro do Núcleo do Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas (NGEALC) / UNEB.

A docente entrevistada **Constância Maria Borges de Souza** possui graduação em Letras com Francês pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestrado e Doutorado também pela UFBA. Atualmente é Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), lotada no Colegiado de Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas (DCH), campus I, Salvador–BA. Trabalha com Práticas Pedagógicas e Estudos Pedagógicos, dedicando-se à formação de professores. É pesquisadora do GCONPORT – Fala e Contexto no Português Brasileiro / UNEB, desenvolvendo pesquisas em variação e mudança linguística sempre focando os Ensinos Fundamental e Médio.

César Vitorino: Qual a maior contribuição que a Sociolinguística deu aos estudos linguísticos?

Constância Souza: Com o surgimento da Sociolinguística, na década de 1960, a Linguística passa a fazer questionamentos que relacionam a mudança aos grupos sociais de cada comunidade linguística. Neste momento, fica estabelecida a relação entre a história social de uma comunidade de fala e os mecanismos linguísticos utilizados por seus falantes. As línguas só existem através de seus usuários (o povo) e a história desse povo determina a história dessa língua, na identidade dessa comunidade linguística.

César Vitorino: Como a Sociolinguística atua no estudo da língua?

Constância Souza: A sociolinguística estuda a fala viva em situação real e observa fatos linguísticos com o objetivo de explicar a variação linguística. Considera a heterogeneidade linguística natural, ordenada e comum às línguas. Segundo Labov (2008), os falantes escolhem suas variantes pela identificação com seu grupo social, faixa etária e sexo/gênero. A variação é entendida como um fenômeno estruturado e regular, relacionado a aspectos linguísticos e sociais. Para efetuar um estudo sociolinguístico, deve-se levar em conta a comunidade de fala e não a língua. Entende-se por comunidade de fala um conjunto de falantes que compartilham um mesmo sistema de valores linguísticos, avaliando positivamente ou negativamente as variantes presentes nos padrões coletivos de comportamento linguístico dentro da comunidade. Para esse modelo teórico-metodológico, as pessoas de uma comunidade de fala não precisam falar exatamente igual, mas sim compartilhar traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros.

César Vitorino: Como ocorrem as mudanças linguísticas?

Constância Souza: Uma língua pode sofrer mudanças em qualquer parte, isto é, pode mudar em diversos aspectos: fonéticos, semânticos e pragmáticos, além de aspectos morfológicos e sintáticos. As mudanças também podem ocorrer no campo lexical. O nível de estudo mais abordado na análise das línguas é o fonético-fonológico. A sociolinguística teve, no seu surgimento, diversos trabalhos no campo da fonologia, mas, atualmente, já existem muitos trabalhos de abordagem, tanto morfológica, quanto sintática. Discutem-se também os estudos de terceira onda na sociolinguística que focalizam a atuação dos condicionamentos sociais sobre as formas linguísticas em variação.

César Vitorino: Como se dá a mudança em progresso?

Constância Souza: A Sociolinguística Variacionista revolucionou o estudo da mudança linguística através do conceito de mudança em progresso, contrariando teorias anteriores que defendiam que a mudança linguística não podia ser estudada durante o processo e, sim, após ter sido efetivada. Ao invés de analisar o resultado do processo através do qual uma forma é substituída por outra, a Sociolinguística analisa o processo de implementação da mudança como um processo de variação entre formas concorrentes, observado em uma sincronia. Os estudos de Labov (2008) comprovaram que se pode identificar a mudança em progresso de uma língua, através da observação das faixas etárias, o que ele definiu como o estudo da mudança em tempo aparente. Essa perspectiva de entender a mudança veio superar a dicotomia saussuriana

sincronia/diacronia, para a qual a mudança só poderia ser observada na história da língua, isto é, em sua diacronia. (FARACO, 2005)

César Vitorino: Como se pode acompanhar a mudança de uma língua?

Constância Souza: No modelo variacionista, não é possível compreender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da estrutura social da comunidade na qual ela ocorre. Labov esclarece que a mudança é o processo de modificação por que passam as línguas e não o resultado deste processo. Ao se estudar o referido processo, analisa-se, de imediato, o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos. Essa heterogeneidade é regida por fatores internos e externos à língua que, desse modo, é analisada como um sistema heterogêneo, porém organizado, isto é, “a língua passa a ser concebida como uma estrutura inerentemente variável e a variação livre como passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas e não linguísticas” (SCHERRE & NARO, 1997, p. 94)

César Vitorino : Que papel tem a escolaridade no estudo da variação linguística?

Constância Souza: Trata-se de um fator importante e favorecedor da variação e da mudança linguística a escolarização do falante. Estudos atestam que, em caso de mudanças, os falantes mais escolarizados preferem as formas socialmente mais valorizadas, rejeitando as formas ditas populares. A escola tem, portanto, um papel muito forte na conservação da língua, pressionando os indivíduos a utilizarem variantes padrão. As classes sociais mais altas preferem as formas de maior prestígio social, as mais valorizadas socialmente, enquanto as classes sociais mais baixas utilizam as formas de menor prestígio, as formas estigmatizadas socialmente.

César Vitorino: Qual a relação entre mudança e história da língua?

Constância Souza: O estudo de uma língua nos permite observar sua história, a cultura e, sobretudo, a identidade de seu povo. A língua se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, que a enriquece com toda a sua história, o que possibilita a variação e a mudança linguística.

César Vitorino: Como podem ser explicadas as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu?

Constância Souza: Para traçar a história do português brasileiro, é necessário reconstruir o processo de convivência que, aqui no Brasil, o português teve com outras línguas. A caracterização sócio-histórica da realidade linguística brasileira chama a atenção de estudiosos há mais de cem anos. Coelho (1967) buscou equacionar a questão, através das semelhanças entre o português do Brasil (PB) e os crioulos de base portuguesa. Já Mendonça (1933) e Raimundo (1933) atribuíram à influência das línguas africanas as causas das características que distinguem o português brasileiro do português europeu.

César Vitorino: Como estas mudanças foram se estabelecendo aqui no Brasil?

Constância Souza: Para Silva Neto (1988), a presença dos portugueses em várias regiões brasileiras foi determinando o tipo de influência transmitida para a fala da região onde estes se instalavam de acordo com suas atividades de colonizadores. Destaca-se a influência dos açorianos, na região de Santa Catarina, os quais, estimulados, vieram para o Brasil em casais.

César Vitorino: Como as línguas africanas contribuíram para a formação do Português Brasileiro (PB)?

Constância Souza: Segundo Pessoa de Castro, para se explicar a participação das línguas africanas na construção do português brasileiro, não se pode deixar de se fazer referência à atuação do negro africano como “personagem falante”, além de “procurar entender os fatos relevantes de ordem sócio-econômica e de natureza linguística que favoreceram o avanço consecutivo do componente africano nesse processo”. (PESSOA DE CASTRO, 2008, p. 61)

César Vitorino: As línguas africanas influenciaram na mudança do PB devido a que fatores?

Constância Souza: O português do Brasil não poderia ter as mesmas características do português europeu, depois de quatro séculos de contato com falantes africanos. Estes receberam o português como segunda língua e seus descendentes, nascidos no Brasil, como primeira língua (ocorreu uma africanização do português e, em sentido inverso, um aporuguesamento do africano). Os estudos linguísticos apontam semelhanças entre as duas línguas (o sistema vocálico e o padrão silábico CV, CV), além de destacar as interferências da língua africana no português do Brasil, no vocabulário, na morfologia, na sintaxe, além da fonologia, com a omissão das consoantes finais ou da sua vocalização.

César Vitorino: A organização da sociedade brasileira teve que tipo de influência na fala da população?

Constância Souza: A formação sócio-histórica da língua no Brasil é um processo constituído por duas grandes vertentes linguísticas (uma culta e outra popular). Apesar de sua relativa independência, as duas normas se influenciam. A influência do contato com a norma culta teria produzido o apagamento das marcas mais características do processo de transmissão linguística irregular em algumas variedades populares. Ocorreram, também, processos de mudanças decorrentes do contato entre línguas que se refletiram nos padrões de fala das camadas médias e altas. Uma população de adultos falantes de línguas diferentes, quando posta em contato, é forçada a adquirir uma segunda língua, em situação emergencial, para estabelecer o contato entre as pessoas dessa comunidade. Isto propicia a formação de uma nova língua que apresenta uma forte redução em sua estrutura gramatical, ficando apenas os elementos essenciais necessários para manter as funções comunicativas básicas.

César Vitorino: Como se explica a polaridade linguística brasileira?

Constância Souza: Lucchesi (2006) aponta a realidade sociolinguística brasileira como polarizada, entre uma norma culta, definida a partir dos padrões de fala das classes média e alta e uma norma popular ou vernácula, reunindo os falares das classes baixas. A história da língua portuguesa no Brasil é vista através dessas duas vertentes. A partir do final do séc. XIX e no decorrer do séc. XX, violento e extenso processo de industrialização e urbanização provocaram profundas modificações no panorama sócio-econômico do país. De um lado, o padrão europeu deixa de exercer tão proeminente influência sobre a normatização da língua. De outro lado, o nivelamento linguístico dos falares rurais e populares brasileiros modifica o panorama linguístico do Brasil, estabelecendo uma norma linguística para as camadas populares e outra para a elite do país.

César Vitorino: Como surgiu essa polaridade?

Constância Souza: Segundo Lucchesi (2006), a bipolaridade que marca a história sociolinguística do Brasil é destacada por Serafim da Silva Neto (1963). O português sofreu profundas alterações ao ser adquirido inicialmente pelos índios aculturados e, posteriormente, por escravos trazidos da África o que desencadeou um processo de transmissão linguística irregular que marcou decisivamente a formação das atuais variedades populares da língua portuguesa no Brasil.

César Vitorino: As comunidades afro-brasileiras guardam traços desse processo?

Constância Souza: Nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas (antigos quilombos ou de agrupamentos de ex-escravos), ainda se observam características crioulizantes, na fala dos seus membros mais velhos, (esses traços praticamente desapareceram na fala dos mais jovens), alguns traços linguísticos que apontam claramente para mudanças drásticas resultantes de um processo de transmissão linguística irregular. Estas comunidades, além de falarem o português, preservam suas línguas de origem até hoje. O processo de mudanças descrioulizantes pode ter ocorrido de forma muito acelerada, no decorrer do século passado, entre essas comunidades rurais, em função do violento processo de penetração no campo das grandes empresas capitalistas que aceleraram o processo de mudança das regiões e da vida dos que nelas habitavam tanto no trabalho quanto no estilo de vida. (LUCCHESI, 2006).

César Vitorino: Seu trabalho aponta que caminho para o ensino do PB?

Constância Souza: Ao contribuir para o conhecimento deste quadro sociolinguístico, acredito que minha pesquisa desenvolvida no Doutorado na UFBA atingiu um de seus objetivos, favorecendo o desenvolvimento de uma melhor consciência social em relação à língua e para um melhor posicionamento da escola no que concerne ao ensino da língua materna. É o que tenho procurando passar para meus alunos durante todo esse percurso docente.